

## **Experiências como professor de música antes do ingresso na licenciatura: relatos de um egresso**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO  
SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

*João Paulo de Rezende Oliveira*  
UFU – joaopaulorezende17@gmail.com

*José Soares*  
UFU – jsoares804@gmail.com

**Resumo:** Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa que procurou compreender as experiências pedagógico-musicais vivenciadas por alunos de licenciatura antes do ingresso desta na Universidade. A pesquisa empregou uma abordagem qualitativa e o método de estudo de caso. Os resultados aqui apresentados apontam para 3 etapas no desenvolvimento pedagógico-musical de um dos participantes: 1. Pensando uma forma de ensinar música; 2. Ser professor de música e o choque de realidade; 3. Estabilizando um modelo pedagógico-musical.

Palavras-chave: Preparação do professor de música. Modelo pedagógico-musical inicial. Tornando-se professor de música iniciante.

### **Experiences as a Music Teacher before entry to a Music Teacher Training Course: accounts from a former student**

Abstract: This paper reports interim results of research that sought to understand pedagogical-musical experiences outside school of non-qualified music teachers before their entrance to university. The research adopted a qualitative approach and the method used was a single case study. Results shown here point to 3 phases in the pedagogical-musical development of one participant: 1. Conceptualising the way of teaching music; 2. Being a music teacher and the shock of a new reality; 3. Developing a coherent pedagogical-musical model.

Keywords: Student music teacher preparation. Initial pedagogical-musical model. Becoming a novice music teacher.

### **1. Introdução**

Estudos sobre a formação do professor de música para atuação nos diversos contextos educacionais têm revelado que a maioria dos ingressantes vivenciaram experiências como professor(a) de música antes do ingresso nos cursos de licenciatura em música (ver, por exemplo, Soares, Schambeck & Figueiredo, 2014). A análise dessas experiências levanta questionamentos sobre as estratégias utilizadas pelos ingressantes no desenvolvimento de possíveis habilidades pedagógicas e musicais para o ensino de música.

Na legislação educacional brasileira, os cursos de licenciatura em música formam o profissional para atuar na educação básica e também em variados graus de abrangência ou especialização (BRASIL, 1996). Então, em um primeiro sentido do termo “formar”, temos a

ideia de que isso é feito por/nas instituições de ensino. Assim, é possível ampliar essa noção para algo pessoal.

O conceito de formação vem da palavra de origem latina *formatio* e significa a ação ou o efeito de formar, ou de se formar (CUNHA, 2010). Alguns autores, como Libânio (2001), Dassoler e Lima (2012), entendem a formação como o ato de construção pessoal do ser humano. Libânio (2001) afirma ainda que formar-se “é tomar em suas mãos seu próprio desenvolvimento e destino” (13-14). No que lhe concerne, Dassoler e Lima (2012) vêem a formação de professor de duas formas: o indivíduo e o educador. Segundo os autores, “Como indivíduo, ele é formado a cada dia, em momentos que fazem o seu cotidiano, e, como educador, molda-se no compromisso que consegue estabelecer com os alunos e demais atores que formam a comunidade escolar” (p. 6).

Entendendo então que a formação ultrapassa o sentido de instituição (sendo também do indivíduo), na área da música, a preocupação dos estudiosos parece estar mais centrada na formação do professor de música nos momentos “durante” (inicial) e “depois” (continuada) do curso de licenciatura (e.g. CAIMI, 2014; PENNA, 2017), enquanto pesquisas sobre o “antes” carecem de um pouco mais de atenção, tendo em vista que os formadores de professores de música precisam saber de onde vêm os estudantes e quais aprendizagens pedagógicas e musicais eles carregam consigo.

Neste artigo, discutiremos a formação pedagógico-musical anterior ao ingresso na licenciatura de um professor de música.

## **2. O Desenho da pesquisa**

A pesquisa empregou a abordagem qualitativa (ROBSON, 2002) e o método estudo de caso (STAKE, 1995; YIN, 2015). A investigação procurou valorizar as experiências humanas e obter evidências (HYCNER, 1985) a partir do ponto de vista do participante. Nesse sentido, reconhece os significados pedagógicos e musicais atribuídos pelo participante no decorrer de sua formação anterior ao curso de licenciatura em música.

A coleta de dados se deu através da entrevista semi-estruturada (ROBSON, 2002). Essa entrevista procurou elucidar como o participante da pesquisa, Joaquim<sup>1</sup>, concebeu as práticas pedagógicas e musicais na conjuntura da sua formação como professor de música iniciante.

Após a transcrição e textualização da entrevista, foi realizada uma codificação aberta dos dados (STRAUSS & CORBIN, 2008). Tal procedimento resultou em 3 categorias,

formulando assim etapas do desenvolvimento pedagógico-musical de Joaquim<sup>2</sup>: (1) Pensando um modelo pedagógico-musical para as primeiras aulas de música; (2) Construindo uma forma de dar aula/choque do real; (3) Estabilizando o trabalho docente. As categorias aqui apresentadas são, então, analisadas com base na literatura.

### **3. Sobre o participante**

Joaquim é professor de violão e guitarra. Formado na graduação em música pela Universidade Federal de Uberlândia, começou a dar aulas de música antes do ingresso na Licenciatura.

Ele começou a estudar violão aos 11 anos com seu tio, que era músico profissional. Segundo o entrevistado, seu tio, ao dar aulas para ele, não propunha um método a ser seguido, mas tentava ensinar apenas as músicas pelas quais ele se interessava.

Após estudar um período com seu tio, Joaquim, aos 12 anos, começa a fazer aulas com o J.M<sup>3</sup>. Com esse professor, o participante afirma ter seguido métodos de leitura, criação e percepção musical, da improvisação, do ritmo e de escala. Foi a partir daí que ele se interessou pelo violão erudito (solo). Depois de estudar com J.M., aos 15 anos, começou a fazer aula com J. na escola particular de música em Catalão.

Com certo tempo estudando nesta escola particular de música, Joaquim recebeu uma proposta para dar aulas de instrumento nessa instituição. Segundo ele, J., por algum motivo, percebeu que ele tinha grande capacidade musical e o chamou para ocupar o cargo de professor.

Antes de ministrar aulas na escola particular de música (aos 16 anos), Joaquim ensinava violão aos seus amigos. Segundo ele, esses amigos ficaram impressionados com sua desenvoltura ao manusear o instrumento, por isso queriam aprender o que ele sabia.

Posteriormente, depois da escola particular de música, Joaquim foi ministrar aulas de violão em grupo em um projeto da prefeitura. Neste período, ele já havia ingressado na universidade (ele ingressou no ano de 2009 e começou a ministrar aula no projeto em 2011).

### **4. Pensando um modelo pedagógico-musical para as primeiras aulas de música**

Tomando como base a breve descrição acima das experiências de Joaquim, emergem algumas questões que nos fazem pensar sobre o início da prática docente dos

professores de música em formação: de onde ele buscou referências pedagógicas e musicais para a docência antes da entrada na licenciatura? Como se comportou diante dos alunos?

O participante dessa investigação buscou na maneira “como seu tio ensinava” a referência para a elaboração de seu modelo pedagógico-musical.

[...] eu comecei a estudar música a partir dos 11 anos de idade com meu tio[...] por meio de violão Popular [...]. Eu gostava de tocar muita música em ritmo de rock... comecei a estudar por meio desse repertório. Não tive assim uma sequência né, assim como a gente trabalha nas instituições que você começa com uma música básica e gradativamente você vai evoluindo para as músicas mais difíceis. Eu chegava lá na casa dele (do tio)... e ele me perguntava: o que você quer aprender? Aí eu falava qualquer música e ele dava um jeito de me ensinar à música. (JOAQUIM, entrevista do dia 07/05/2018).

Esse relato revela a estrutura básica utilizada por Joaquim nas primeiras aulas de instrumento: escolher uma música qualquer (sem saber qual nível de dificuldade) e “dar um jeito” de ensinar. Segundo ele, a didática de seu tio funcionava por ele possuir facilidade em aprender e ficar horas (por volta de oito horas) em casa estudando violão<sup>4</sup>.

Quando procurou aplicar esse modelo nas aulas de música com seus amigos, Joaquim percebeu a ineficácia deste:

Quando eles (os amigos) me viam tocar, eles queriam aprender o que eu sabia. Quando eles iam à minha casa para eu ensinar, alguns gostavam e outros sentiam certa rejeição, porque... pra mim... ensinar era mostrar o mesmo caminho que eu tinha vivido (aprendendo com o tio) e que não era tão bom assim. (JOAQUIM, entrevista do dia 07/05/2018).

Essa fala demonstra a complexidade do processo de imitação da ação pedagógico-musical de outra pessoa. Souza e Andrea (2017) afirmam que a criação docente não se faz do nada, o "professor movimenta seu percurso formativo, com sentidos que são produzidos por ele na sua relação com a cultura por meio da apreensão de conceitos relacionados à sua área de formação específica e à área de ensino, experiências anteriores como docente e estudante" (p. 445). As autoras estão utilizando o conceito de imitação em Vygotsky (2009), o qual não é apenas um ato de conservação de experiências anteriores, mas também é criação<sup>5</sup>. Ou seja, Joaquim está utilizando sua experiência enquanto aluno no seu papel de professor iniciante. A partir deste episódio o entrevistado tem seus primeiros questionamentos sobre a prática pedagógico-musical.

## 5. Construindo uma forma de dar aula/choque do real

Essa etapa caracteriza-se pelo fato de Joaquim assumir o papel de ser professor de música. Essa tomada de consciência fez com que ele se deparasse com o “choque da realidade” (GARCIA, 1995). É nesse momento que se dá o confronto com a realidade profissional (COSTA, 2002), quando “tensões e aprendizagens intensivas em contextos geralmente desconhecidos, e durante o qual os professores principiantes devem adquirir conhecimento profissional além de conseguirem manter um certo equilíbrio pessoal” (GARCIA, 1999, p.113). Além disso, é um momento de “sobrevivência” (Idem, 1995, p. 66), pois, mesmo tendo um modelo pedagógico-musical inicial fundamentado nas influências mais marcantes, ainda há muito espaço para ajustes no como ensinar. Dessa forma, como podemos verificar na fala seguinte, ensinar seus amigos provoca em Joaquim tensões e reflexões sobre eles e a si mesmo.

Passava por minha cabeça, isso com os meus colegas. – “Porque eu fiz?, porque ele não vai conseguir? - Para mim, qualquer pessoa podia fazer. (JOAQUIM, entrevista do dia 07/05/2018).

Joaquim deixa de fazer aula com seu tio e acaba estudando com mais dois outros professores. O segundo professor lhe chama para dar aulas em sua escola particular. Nova oportunidade para continuar seguindo sua carreira docente.

Por volta de 2005 e 2006, mais ou menos, eu não me lembro direito mais... 2006, provavelmente, quando eu tava ali, completando os meus 16 anos [de idade] e eu fui convidado pelo J. para dar aula na escola dele (escolar particular de música). Então, eu pegava alguns alunos por experiência [...] Eu dava aula de guitarra e violão. Dava aula de violão para iniciantes, aula de guitarra para alunos intermediários, avançados que estavam procurando as aulas. E foi uma experiência muito boa, porque foi o primeiro momento que eu tive que lidar com uma didática. (JOAQUIM, entrevista do dia 07/05/2018).

Essa fala não esclarece bem o sentido dessa didática. Podemos, então, questionar: e quando Joaquim dava aula para seus amigos, ele não estava lidando com uma didática?

Sendo didática a arte de ensinar e transmitir conhecimento (HOUAISS & VILLAR, 2009), é possível afirmar que Joaquim empregava uma didática rudimentar. Ele pode estar querendo dizer em aprender ensinar do mesmo modo que se ensinava na escola particular de música. A fala seguinte explica melhor a sua afirmação:

Mas sistematicamente foi na C. musical, uma escola de música particular que teve aqui em Catalão e lá eles tinham um sistema de ensino. Era organizado como tinha

que ser ensinado os alunos, como era os acordes, como era feitas as melodias [...]. (JOAQUIM, entrevista do dia 07/05/2018).

Os primeiros pontos que irão fazer Joaquim melhorar como professor é, principalmente, entender essa função como profissão e conhecer outras formas de dar aula. Isso acontece na escola particular de música, quando há reuniões semanais com outros professores. A maior parte deles já estava cursando o ensino superior em música e isso ajudava Joaquim na construção de sua didática e na seleção do conteúdo musical para as aulas.

[...] Quando a gente fazia as reuniões semanais, os professores alinhavam os assuntos: – “Olha, eu apliquei isso na sala, da forma que a gente discutiu aqui. Funcionou muito bem.” Ou: – “Eu apliquei isso e não deu certo, a gente tem que pensar em outra coisa”. Então, as reuniões também ajudavam muito a gente formular o material. Sentava: – “Isso aqui funciona, vamos aplicar os acordes assim. Vamos começar com dois acordes para tal música, depois a gente coloca três acordes para outra música e ensina outro ritmo?” Por exemplo, né. – “Depois a gente ensina o solinho daquela música, explica que aquele solinho tá em cima de tal escala. Vamos fazer assim?” – “Vamos”. Então a gente ia chegando a um consenso (JOAQUIM, entrevista do dia 07/05/2018).

Esse contato possibilitou ampliar as estratégias de didáticas de Joaquim, tendo em vista a troca de conhecimentos teóricos e práticos nas reuniões. Este momento se insere no conceito de cultura profissional apresentado por Nóvoa (2018)<sup>6</sup>.

Além destas reuniões, Joaquim começou a ter contato com novos materiais didáticos, sendo importante na reformulação de sua didática.

Então, no C. M. (escola particular de música), tinha os livros bases que a gente usava para ensinar. Dar as aulas de violão, era os volumes do Henrique Pinto, o volume 1, na época, o que era mais usado na iniciação ao violão. Tinha os estudos do Carcassi, os estudos do Villa-Lobos, a Suíte Popular Brasileira, tinha alguns estudos do Sor [...], [...] Pozzoli, Hindemith, Modus Vetus. Esses são os materiais teóricos. Tinha o livro do Bohumil que o J. aplicava com todos os alunos. A partir desse material, eu comecei a montar uma didática... uma forma de ensinar (JOAQUIM, entrevista do dia 07/05/2018).

Esse relato demonstra como o material didático foi importante para Joaquim. Entretanto, a afirmação de Joaquim de que começou a “montar” uma didática pode ser questionada. Percebe-se que os materiais didáticos funcionaram como ponto de partida para pensar a aula. A didática abrangeria muito mais características do que a utilização de métodos. Podemos citar, como exemplo, questões como o controle da sala de aula, a interação

com os alunos, dentre outras. Com o passar do tempo e com a permanência de Joaquim na profissão, o mesmo começa a se “estabilizar” na mesma.

## 6. Estabilizando o trabalho docente

Nesta etapa, Joaquim começa a preparar sua própria forma de dar aula de música. Depois das reuniões e o contato com materiais didáticos, ele fazia seus próprios planos de aula e começa a enxergar seus alunos como únicos.

Então eu comecei a ver que da forma que eu aprendi, não servia para todo mundo. Eu comecei a pesquisar uma forma de ensinar, que iria servir para todo mundo. E aí foi aparecendo as oportunidades de trabalho, eu fui conviver com pessoas mais experientes, que tinha mais experiências na área de ensino de música e eu comecei a observar um pouquinho de cada. Então hoje eu tenho minha forma de ensinar, que eu acho que funciona... que é aquela forma que funciona com todo mundo. (JOAQUIM, entrevista do dia 07/05/2018).

Importante considerarmos que Joaquim não encontrou uma forma de ensinar que funcionasse para todo mundo. A sua disposição para continuar a melhorar revela o que Nóvoa (1995) chama de “sentimento de ‘competência’ pedagógica crescente” (p. 40). Ou seja, é uma satisfação por conseguir ensinar a seus alunos.

O segundo ponto a ser considerado, é que Joaquim converteu sua experiência como professor de música em um próprio conhecimento pedagógico-musical. Kolb (2014) define a aprendizagem experiencial como este processo de trazer para dentro (refletir) as experiências vividas e transformá-las no próprio conhecimento sobre algo.

Agora, ele deixa de dar aula na escola particular de música e começa a trabalhar em uma fundação cultural. Aqui Joaquim se encontra sozinho, sem nenhum professor de música para lhe ajudar. Ele precisa desenvolver a autonomia e uma nova forma de dar aula.

Quando eu saí da escola (particular de música) e fui para Fundação Cultural (Maria da Dores Campos), mudou completamente[...]. [...] Aí, você tinha que se adequar. Foi quando eu tive que trabalhar as coisas de uma forma mais orquestral... trabalho coletivo do instrumento, onde a turma ali trabalhava o mesmo conteúdo. Aí, você tem certas limitações. A primeira delas é: não dá para trabalhar, em curto tempo de aula, coisas diferentes com 3 alunos de idades diferentes. Um problema da instituição, na verdade... por minha conta, eu nivelava todas as turmas, mas a instituição não permitia isso porque era uma oficina. Então, qualquer pessoa naquele horário podia entrar e fazer aula. Tinha que pensar em um repertório... em exercícios técnicos baseado em teorias que eu pudesse ensinar para todo mundo (JOAQUIM, entrevista do dia 07/05/2018).

O cenário agora é totalmente diferente da escola particular de música (onde ministrava aulas individuais). No contexto da fundação, por outro lado, ele precisou gerenciar o tempo dado para cada aluno. Ele, então, se depara com uma situação na qual cada aluno possui uma forma de aprender e o repertório deveria ser voltado para o coletivo. Sendo aprendizagem um processo e também contínuo, Joaquim utilizou todos os seus conhecimentos anteriores para poder se adequar à nova realidade.

## **7. Considerações Finais**

Este artigo apresentou um recorte da pesquisa “A formação pedagógico-musical de ingressantes dos cursos de licenciatura em música”. Os resultados apontam para três etapas na formação pedagógico-musical anterior ao ingresso na Licenciatura: (1) Pensando um modelo pedagógico-musical para as primeiras aulas de música; (2) Construindo uma forma de dar aula/choque do real; (3) Estabilizando o trabalho docente.

Na primeira etapa, o docente iniciante buscou em suas experiências como aluno (didática, conteúdo, atitudes de seu professor de instrumento) referências para a construção de um modelo pedagógico-musical rudimentar. Na segunda etapa, ao estar frente a frente com outros alunos e em outro contexto educacional, o modelo pedagógico-musical utilizado nas primeiras aulas demonstra ser ineficiente. Nesse momento é vivenciado o "choque do real". Em meio às dificuldades enfrentadas, o professor de música iniciante procura ajuda com outros professores mais experientes e nos materiais didáticos. Na terceira etapa, o professor de música iniciante começa a se estabilizar profissionalmente; ou seja, ele consegue lidar com as particularidades e modos diferentes de aprender dos alunos/alunas, preparar um material didático e se manter na profissão docente.

Os resultados aqui apresentados evidenciam a necessidade de se estudar mais profundamente a formação pedagógico-musical de ingressantes dos Cursos de Licenciatura em Música. Um dos caminhos possíveis para tal estudo poderia envolver o conhecimento de possível relação entre os mecanismos utilizados na elaboração dos modelos pedagógico-musicais e o desenvolvimento (ou não) de autonomia didático-pedagógica musical nessa etapa da formação.

Por fim, os resultados indicam ainda a necessidade de se fazer um diagnóstico das habilidades e saberes pedagógicos de ingressantes dos cursos de licenciatura em música. Isso poderia ajudar os professores formadores na construção de estratégias eficazes de formação durante, por exemplo, o estágio curricular supervisionado.



## Referências

- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)> Acesso em: 18/08/2020.
- CAIMI, Roberto Leonardo. *A formação pedagógica de dois professores de violão de curso de bacharelado em música no Brasil*. Uberlândia, 2014. 96 f. Dissertação (Mestrado em artes) - Instituto de artes, Universidade federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.
- CUNHA, Antônio Geraldo. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. 774 p.
- DASSOLER, Olmira Bernadete. LIMA, Denise Maria Soares. A formação e a profissionalização docente: característica, ousadia e saberes. In: IX ANPED Sul: seminário de pesquisa em educação da região sul. *Anais...* Ucb/df, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3171/522>> acessado em 23/11/2019.
- GARCIA, Carlos Marcelo. *Formação de professores: para uma mudança educativa*. 2º edição. Portugal: Porto editora, 1999. 272 p.
- HYCNER, Richard. *Some guidelines for the phenomenological analysis of interview data*, *Human Studies*, n. 8, p. 279-303, 1985.
- HOUAISS, Antônio Geraldo; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KOLB, David A. *Experiential learning: Experience as the source of learning and development*. 2. Ed. New Jersey: Prentice-Hall, 2014. 416 p.
- LIBANIO, João Batista. *A arte de formar-se*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 296 p.
- NOVOA, Antônio. *Vidas de Professores*. 2. ed., Porto Editora, Porto, 1995. (Coleção Ciências da Educação) p. 33 - 61.
- \_\_\_\_\_. *Para uma formação de professores construída dentro da profissão*, 2018. Revista educacion. Lisboa, Portugal, p 1 – 10.  
Disponível em: <[http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350\\_09por.pdf](http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf)>  
Acessado em 20/04/2020.
- PENNA, Maura. A formação inicial do professor de música: porque uma Licenciatura?, 2010. *Anais...* Udesc. 2010. Disponível em: <<http://aaesc.udesc.br/confaeb/Anais/>> Acessado em: 17/12/2017.
- ROBSON, Colin. *Real world research: a resource for social scientists and practitioner*. 2a ed. Malden, Massachusetts: Blackwell, 2002. 608 f.
- SOARES, José; SCHAMBECK, Regina Finck; FIGUEIREDO, Sergio (org). *A formação do professor de música no Brasil*. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2014. 188 p.
- SOUZA, Walêska Dayse Dias de; ANDREA, Maturano Longarezi. Imitação-criação no processo de formação para o desenvolvimento profissional docente. *Praxis Educativa*, Ponta Grossa, v.13, n. 2, p. 443-462, maio/ago.2018. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>> Acessado em 27/04/2020.
- STAKE, Robert. E. *The art of case study research*. Thousand Oaks; London: Sage, 1995.
- STRAUSS, Anselm & CORBIN, Juliet. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Trad. Luciane de Oliveira da Rocha. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. 288 p.
- VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância*. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009. 128 p.
- YIN, Robert K. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. 2.ed. São Paulo: Bookman, 2001. 206 p.

## Notas

---

<sup>1</sup> Pseudônimo escolhido pelo participante.

<sup>2</sup> É importante esclarecer que estas etapas foram teorizadas pela entrevista de Joaquim e dos outros três entrevistados da pesquisa.

<sup>3</sup> Por questões éticas, os nomes de outras pessoas apresentadas neste trabalho também foram ocultados.

<sup>4</sup> Na entrevista, Joaquim afirma que seu tio não dispunha de uma metodologia a ser seguida. Inicialmente, ele perguntava qual música Joaquim gostaria de aprender e, logo em seguida, ensinava o sobrinho pelo processo de imitação.

<sup>5</sup> “Nosso cérebro mostra-se um órgão que conserva nossa experiência anterior e facilita a sua reprodução. Entretanto, caso a atividade do cérebro fosse limitada somente à conservação da experiência anterior, o homem seria capaz de se adaptar, predominantemente, às condições habituais e estáveis do meio que o cerca. [...] Além da atividade reprodutiva, é fácil notar no comportamento humano outro gênero de atividade, mais precisamente a combinatória ou criadora.” (VIGOTSKI, 2009, p. 13).

<sup>6</sup> “A cultura profissional. Ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão. O registro das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais para o aperfeiçoamento e a inovação. São estas rotinas que fazem avançar a profissão.” (NOVOA, 2018, p. 03).